

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE GUERRA NA SELVA

Maj
P. MARCOS

1. As peculiaridades da luta na selva aliadas à possibilidade de termos, no Brasil ou alhures, de enfrentar situações de guerra em ambiente semelhante, de há muito vinham preocupando nossas autoridades militares que desejavam possuir, em nosso Exército, especialistas nesse tipo de operações.

O número de oficiais e sargentos que fizeram o Curso no Panamá e os esforços feitos, em certas GU e Unidades, para formar elementos com noções básicas dessa especialidade estão aí para demonstrar o que afirmamos acima.

Havia pois uma lacuna em nossa formação militar que, se atentarmos para a área de nosso país coberta por selvas, mais ainda se acentua.

A criação do Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS) foi pois a concretização de um anseio de todos os militares que meditaram algum dia sobre a necessidade de, num país das dimensões do nosso, possuir o Exército elementos especializados nesse tipo de guerra.

2. A escolha da localização do CIGS foi também muito feliz pois está êle integrando o GEF cujo território possui cerca de 85% recoberto pela selva amazônica, vale dizer, o que maiores dificuldades apresenta.

Além disso é importante salientar que a área do GEF confina com cinco países estrangeiros possuindo regiões de características idênticas às nossas.

Companheiros que conhecem outras regiões de selva do Brasil acham que a Amazônia permite, sem sombra de dúvida, a realização de instrução a mais completa possível que fará parecer "brinquedo de criança" o atuar em qualquer outra de nosso território.

O CIGS possui sua sede em Manaus, ocupa no momento um quartel provisório que lhe permitiu funcionar antes do prazo previsto e dar

ao Brasil duas turmas de oficiais e uma de sargentos especializados. Seu quartel definitivo está em construção também em Manaus, e deverá ficar concluído possivelmente em junho deste ano.

A área de instrução de que dispõe se situa na estrada Manaus — Ita-coatiara, a cerca de 55 km da capital, tem a forma de um quadrilátero de aproximadamente 20 x 40 km indo seu limite sul até o Rio AMAZONAS.

Para os que não têm bem em mente o que tal área representa, lembramos que o Campo de Instrução de Gericinó tem aproximadamente 4 x 6 km. São pois no CIGS 800 km quadrados de área enquanto que em Gericinó são 24 quilômetros quadrados.

3. A instrução no Centro obedece a um programa calcado nos últimos ensinamentos desse tipo de guerra pois a maioria do corpo de instrutores e monitores é constituída de oficiais e sargentos já especializados na Escola existente no Panamá e, além disso, a correspondência mantida com essa Escola e a da Malásia permitem manter atualizados os currículos.

A duração do Curso é de cinco semanas e exige dos alunos grande capacidade física e coragem, tenacidade, espírito de camaradagem e de sacrifício, moral elevado enfim, a par de espírito de observação acurado, iniciativa, reflexos prontos. Tais atributos exigidos, postos a prova e desenvolvidos durante o Curso são indispensáveis dadas as características das operações na selva.

A êsse respeito é interessante repetir aqui o que disse, quando comparou a fadiga a que estão sujeitos os que operam em desertos ou regiões montanhosas com a daqueles que atuam na selva, um autor versado nesses problemas; disse êle:

“Em certos aspectos as selvas são ainda piores. Somente os que ali viveram sabem exatamente o que isto significa. A desorientação, naturalmente, é a experiência mais desconcertante na luta nas selvas. A dificuldade de encontrar uma saída no labirinto de trilhas cria tensões, medo e ansiedade que pouco diferem das reações neuróticas.

No conjunto, a tensão do combate é mais do que duplicada pela pressão do meio físico”. Aí, no meio físico, devemos levar em conta a vegetação que restringe o livre movimento, limita a visibilidade, favorece o ocultamento ou disfarce do inimigo entre outras coisas, e somar a temperatura elevada e a grande taxa de umidade, para termos o quadro que é completado, aqui e acolá, com plantas tóxicas ou vesicantes e insetos, répteis e outros animais.

No currículo do Curso cerca de 30% do tempo é empregado na instrução individual que visa a habilitar o aluno a ter condições principalmente para dominar o meio físico e tornar a selva uma sua aliada.

Assim encontramos entre outros assuntos, nessa instrução individual, os seguintes: orientação na selva, transposição de obstáculos, efeitos fisiológicos do calor, vida na selva, plantas e alimentos, cobras e outros animais.

Há uma peculiaridade interessante no que respeita a armadilha e tipos de abrigos que, no CIGS, além de serem ensinados os constantes do currículo da Escola do Panamá o são também os feitos pelos nossos caboclos da região; incorporando-se dêsse modo outros ensinamentos colhidos no nosso próprio meio ambiente.

Uma vez os alunos hajam obtido os ensinamentos indispensáveis e alguma prática da vida na selva se desenvolve o restante da programação, 70%, que é tipicamente de tática aplicada às condições da selva. Assim, nessa fase, se executam os exercícios de guerrilhas e contra-guerrilha, emboscada, patrulha, incursões, culminando com um exercício de evasão e fuga "exigindo a infiltração através 30 km de território inimigo para penetrar nas linhas amigas". Esse exercício exige, em regra, três a quatro dias para que os alunos consigam atingir o "território amigo", se desenvolve todo êle no âmago mesmo da selva e os que estão fugindo deverão viver exclusivamente dos recursos locais.

Um ponto importante a levar em consideração é que os "exercícios de sobrevivência não constituem certamente um treinamento para passar fome e sede ou um concurso para ver quem melhor se safa com o objetivo puramente alimentar, mas sim, um treinamento de luta nas retaguardas inimigas, tendo como guia a MISSÃO a cumprir".

O treinamento é levado a fundo no sentido de ensinar a se deslocar na selva com o mínimo de ruído possível, viver sem deixar rasto, isto é, abrigo camuflado, fazer fogo sem fumaça, etc...

Após a conclusão do curso podemos dizer que os diplomados encararão a sobrevivência "antes de mais nada como a vontade do combatente que se recusa a se deixar abater e que, ao contrário, se aferra em continuar a luta, escapar à captura e, caso isso seja impossível, procurará por todos os meios a evasão a fim de prosseguir no cumprimento da missão".

4. O Centro, além da instrução de oficiais e sargentos, tem a missão de colhêr observações e dados sôbre equipamentos e material usado na selva, bem como a de organizar e ministrar os ensinamentos indispensáveis sôbre a guerra na selva, a frações de tropa constituídas que operam normalmente naquelas paragens. É o caso do 27º BC e elementos dos Pelotões e Companhias de Fronteiras.

Sob o aspecto da instrução da tropa do GEF, o Comandante daquela GU determinou em dezembro de 1966 a constituição de uma comissão integrada pelo Comandante do CIGS, um oficial do 27º BC especializado em guerra na selva e o E3 do GEF, para estudar as modificações, a

serem propostas ao EME, nos PP das unidades da área visando torná-los objetivos e compatíveis com as necessidades de emprêgo na Amazônia. Pensamos que tal trabalho deva estar concluído.

As perspectivas para o CIGS são as mais auspiciosas possíveis, pois o interesse demonstrado em todos os setores do Exército e das Forças irmãs fará certamente com que o número de especialistas atinja em breve nossas necessidades mínimas.

Exércitos de países amigos já têm sua atenção voltada para o CIGS e pedidos de vaga em seus cursos já foram feitos e poderão ser em breve atendidos, o que projetará, estamos seguros, mais ainda o valor de nossos cursos de especialização. A AMAN, por sua vez, já vem solicitando estágio para cadetes o que dependerá naturalmente da conveniência ou não a ser estabelecida pelos escalões superiores.

5. Para encerrarmos esta pequena notícia sôbre o Centro de Instrução de Guerra na Selva, o mais nôvo, mas já conceituado Curso de nosso Exército, desejamos lembrar que o combate nas selvas é, fundamentalmente, uma luta de pequenos elementos que operam contra o inimigo em compartimento limitado e se caracteriza pelo fogo a distâncias muito curtas e pela luta corpo-a-corpo. Aí na selva, mais do que nunca é válida a assertiva: — “Sem chefia capaz, não se pode esperar que um grupo sobreviva na selva aos momentos críticos de suas ações de guerra.”

A DEFESA NACIONAL é a **sua** Revista
de estudos e debates profissionais. **É a sua**
tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORA-
ÇÕES!